



## **Crianças, criação estética e autorias: um estudo sobre os processos de criação na infância**

Children, Aesthetic Creation, and Authorship: A Study on Creative Processes in Childhood

Niños, creación estética y autorias: un estudio sobre los procesos de creación en la infancia

**Marisol Barenco de Mello<sup>1</sup>**

*Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil*

**Márcia de Sousa Menezes Concencio<sup>2</sup>**

*Professora da Rede Estadual de Ensino de Niterói/RJ, Brasil*

*Recebido em: 24/04/2025*

*Aceito em: 08/07/2025*

### **Resumo**

O texto discute alguns princípios conceituais relacionados à Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin, principalmente no que se refere à sua Estética, para buscar afirmar e compreender o papel constitutivo da linguagem na consideração das crianças como sujeitos na cultura, capazes de criação estética, de enunciação e de autorias, desde seus primeiros momentos de vida. Busca trazer alguns dados de pesquisa para compreender a centralidade e exigibilidade da discussão filosófica do conceito de criação, para repensar as relações formativas com crianças.

**Palavras-chave:** Criação. Crianças. Autorias.

### **Abstract**

This paper discusses conceptual principles related to Mikhail Bakhtin's Philosophy of Language, particularly his Aesthetics, in order to affirm and understand the constitutive role of language when considering children as cultural subjects, capable of aesthetic creation, enunciation, and authorship from their earliest moments of life. It aims to present research data to highlight the centrality and necessity of the philosophical discussion on the concept of creation, with a view to rethinking formative relationships with children.

**Keywords:** Creation. Children. Authorship.

### **Resumen**

El texto discute algunos principios conceptuales relacionados con la Filosofía del Lenguaje de Mijail Bajtín, principalmente en lo referente a su Estética, con el fin de afirmar y comprender el papel constitutivo del lenguaje en la consideración de los niños como sujetos en la cultura, capaces de creación estética, de enunciación y de autorías, desde sus primeros momentos de vida. Se busca aportar algunos datos de

---

<sup>1</sup> sol.barenco@gmail.com.

<sup>2</sup> biaconcencio@yahoo.com.br.

investigación para comprender la centralidad y exigibilidad de la discusión filosófica del concepto de creación, para repensar las relaciones formativas con niños.

**Palabras clave:** Creación. Niños. Autoría.

## **Introdução: crianças criam?**

Vimos nos ocupando de pensar, em pesquisa e em trabalho, espaços na cultura em que as infâncias possam existir como sujeitos da cultura, enunciando em muitas linguagens um ponto de vista singular de ver e sentir o mundo. No processo, surge a necessidade sempre urgente de estabelecer a crítica às formas com que, nos últimos séculos, reservamos espaçotempos específicos para as crianças, em nome de sua proteção e seu bem-estar. Nos questionamos: esses espaçotempos permitem que consideremos as crianças como sujeitos da cultura, ou vêm progressivamente criando uma suposta segunda cultura, a “da infância”, um mundo em que a ética, a estética e as formas epistêmicas – e seus objetos culturais correlatos – formam uma cultura à parte daquela histórica e social humana?

O presente artigo busca abordar esta extensa problemática em um foco bastante particular, na pesquisa com crianças, e trata-se da ideia de criação. Podemos iniciar formulando a questão: “criança cria?”, e se respondermos que sim, ainda que de modo pouco reflexivo e de certa forma óbvio, quais os pressupostos que amparam essa afirmação, tomando em conta a filosofia de Mikhail Bakhtin, quando este se ocupa de pensar o que seja criação e autoria em uma abordagem da dimensão estética da cultura humana?

## **Criação, um conceito filosófico complexo**

Desde 2015 vimos, no interior do Grupo ATOS UFF<sup>3</sup>, empreendendo estudos e pesquisas pensando nas condições de possibilidade dos enunciados infantis, no contexto da cultura, especificamente a brasileira, e do ponto de vista dos processos educativos. Diversas teses e artigos compostos por nós em parcerias são uma mostra do esforço de estudo que o grupo empenhou nesses últimos dez anos, e que culminou na possibilidade de pensar nos aportes bakhtinianos sobre a estética em relação às condições de enunciação e, principalmente, nas condições de compreensão dos enunciados infantis, em muitas linguagens.

Gostaríamos de destacar alguns desses estudos, que apesar de não esgotarem os estudos

---

<sup>3</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas Bakhtinianas – Atos UFF.

realizados, apontam vértices de força no sentido que queremos aqui desenvolver. Um primeiro conjunto de estudos, que teve como resultado diversos textos e publicações, teve origem na aparentemente ingênua pergunta de Maria Letícia Miranda, quando iniciava seus estudos de Mestrado: “criança faz arte?” (Mello; Silva, 2015; Silva, 2019). Durante mais de sete anos o Grupo ATOS dialogou com as duas pesquisas extensas que realizou, e que marcaram profundamente a direção de nosso olhar de leitura para a obra de Bakhtin. Afirmar que crianças são sujeitos que se inserem, sim, no fluxo histórico da cultura em sua dimensão estética foi possível depois do enfrentamento de teorias clássicas e seus aportes.

O que é a arte? A dimensão estética, para Bakhtin, diz respeito apenas à arte? Arte seria algum tipo de produção “desenvolvida” da humanidade, compreendendo algum percurso formativo em sua direção? Nossas leituras trataram de abrir um caminho em direção à compreensão do sentido da estética no conjunto da obra de Bakhtin, que consideramos uma obra filosófica. Nesse percurso de estudos, pudemos aos poucos delinear uma perspectiva que compreende a estética como uma das dimensões da cultura humana (seguindo as direções dos neokantianos, especialmente Hermann Cohen (1912) e dos formalistas russos), mas como a dimensão privilegiada, na qual são possíveis os trabalhos de *isolamento* e *acabamento*, a partir dos quais é possível a criação da forma, tanto em seu momento composicional, quanto em seu momento arquitetônico (Bakhtin, 2002). A criação da forma estética permite aos sujeitos da cultura ocuparem-se da cultura, esta mesma imperceptível no ato de sua vivência, sempre em fluxo ininterrupto. O corte que o isolamento estético produz no infinito fluxo da cultura permite que se opere algum acabamento, processo este que cria objetos estéticos, momentos da cultura em que essa pode ver-se a si própria e, dessa forma, gerar reflexão e crítica.

Foi preciso, para esse fim, empreender leituras, estudos e diálogos com autores – por escrito e em diálogos presenciais – da Filosofia da Linguagem, bem como traduzir obras inéditas no português de Bakhtin (2018; 2021), para nos aproximarmos das concepções de linguagem e sua formação, que nos eram necessárias para a compreensão do ato de criação estética. Gostaríamos de citar, principalmente, os estudos realizados no diálogo com o professor Augusto Ponzio, que nos disponibilizou literatura concernente, em italiano e outros idiomas, bem como com o professor Luciano Ponzio, que nos ofereceu cursos de Semiótica do texto, na Itália e no Brasil. A partir de autores como Sebeok (1985), Dell’Atti (2013), Ponzio (2020), dentre outros, compreendemos que a linguagem é a capacidade específica da espécie humana, capaz de subverter o determinismo biológico, pela possibilidade de criação. Assim pudemos desenvolver em outro texto (Mello; Lopes; Gonzalez, 2025, no prelo):

Como já viemos argumentando, a linguagem é a capacidade da espécie humana de superar o determinismo de um mundo, através da invenção de outras formas de existência, imaginando e criando outros mundos possíveis: deduzindo o passado, projetando o futuro, calculando probabilidades, imaginando cenários, territórios, seres, linguagens, criando ferramentas, instrumentos, utensílios e maquinarias, criando economias de subsistência, modificando as formas de viver, *exaptando-se*, ou seja, modificando o mundo para um melhor viver. [...] Ainda mais incrível é a capacidade que tem o *homo sapiens sapiens* de realizar metalinguagem, ou seja, de tomar em consideração e pensamento a própria linguagem. Essas são capacidades que vieram se desenvolvendo ao longo da curtíssima trajetória humana, pouco mais de 200 mil anos atrás, ou seja, 0,004% do tempo estimado do planeta Terra. Mas foram capacidades que possibilitaram à nossa espécie modificar de modo nunca acontecido a superfície do planeta, criando culturas cada vez mais tecnológicas, criando história, forjando novas geografias e conhecimentos nas diversas áreas, alterando – para o bem e para o mal – inteiros biomas (s/p).

A capacidade de *exaptação* (Gould, 1982) – contrapondo-se à adaptação, é a capacidade de transformar o ambiente para que seja adequado às formas de vida humanas – e a linguagem nascem no mesmo berço, sendo co-constitutivas. O que o conjunto de estudos que aproximam as áreas da Semiótica e da Filosofia da Linguagem propõem é que a linguagem humana é, desde o seu primórdio e, em diferença às demais espécies, *capacidade de criar outros mundos possíveis*.

Essa importante colocação de princípio altera nossa compreensão dos processos de criação e de autoria, que no nosso caso perseguimos em relação às crianças e às linguagens. Em direção a essas veredas, compusemos outro conjunto de pesquisas e artigos, correlacionados, porém um pouco mais abrangentes, e que partem de um questionamento: “quais as condições das enunciações das crianças, mesmo durante o processo de formação das linguagens?”.

### **Enunciados infantis: as palavras das crianças e suas formas composicionais e arquitetônicas**

Parece igualmente óbvio que crianças enunciam, porém, depois de décadas de “verdades” instituídas pelas teorias da comunicação, da expressão e, principalmente, pelas teorias do desenvolvimento da linguagem, o campo dessa questão se complexificou. Não vamos aqui nos ocupar das críticas já elaboradas por nós em outros trabalhos (Lopes; Mello, 2017a; 2017b; 2017c; 2019; Lopes, 2018; Mello; Concencio, 2020; Lopes; Mello; Lima, 2021), quando discutimos e problematizamos a falta de confiança que temos nos seres humanos, se estes são crianças, e mais ainda, se são bebês. Nossa falta de confiança é aquela que não os compreende como sujeitos da cultura humana que, como já vimos, se faz desde seus primórdios pela capacidade específica da espécie de *criar outros mundos possíveis*. As crianças, desde o útero materno, são humanas, parece que é consenso, porém também nos parece que historicamente os processos de inserção de crianças na cultura – processos sempre

educativos, ainda que praticados por outras áreas da cultura – admitem que as crianças seriam humanas, ou teriam essas características, em um devir, em um futuro. São humanas desde sempre e, se assim o são, é porque a linguagem humana as constitui e, portanto, são enunciadoras.

O que significa dizer que são enunciadoras, e qual a relação entre enunciação e criação? Contrapondo-se às teorias estruturalistas em voga à sua época, Bakhtin defende que o ato singular da linguagem humana não é meramente mensagem, já previamente composto no interior da mente individual (conforme os defensores das perspectivas idealistas – ver Spet, 2015; Gamba, 2008). O ato singular da linguagem humana é enunciação, resposta ao mundo que enuncia anteriormente, sempre carregada de valor ideológico, ou seja, é ato criador e responsivo em relação (portanto, responsável), que se dá na interação entre falantes que compartilham determinadas linguagens no interior de uma cultura dada. É sempre ato humano, ou seja, ocorre no evento vivo da realidade que abarca os enunciadores, estejam estes presentes ou distantes, mediados pelas linguagens grafadas – escritas, artísticas ou não.

Bakhtin (2011) escreve alguns ensaios particularmente importantes a esse respeito, reunidos na coletânea *Estética da criação verbal*, título já denotativo da direção que os estudiosos de Bakhtin assumem: enunciação é ato responsivo, eticamente responsável, axiologicamente posicionado, sempre na relação única e irrepetível do acontecimento vivo e concreto da vida, é sempre criação. Os trabalhos do nosso grupo que buscam afirmar que crianças enunciam – como os de Silva (2019); Lopes (2018); Mello (2019; 2024) – estão afirmando de modo indireto, porém bastante consciente, que crianças criam, mesmo se suas linguagens ainda não estão disponíveis em forma convencionalmente acabada. Isso significa dizer que, mesmo sem estar em um nível de apropriação das linguagens que as permitem o uso autônomo dos objetos culturais que são suportes e formas acabadas daquelas linguagens – como livros e textos em outros suportes para a linguagem escrita, como discursos gramaticalmente complexos, para a linguagem oral etc. – sua penetração nessas linguagens, como sujeitos na cultura, fazendo uso dos sujeitos mais experientes para sua iniciação, é já enunciação, ou seja, criação nas linguagens. Toda criação, porém, é estética? O que seria estética enquanto dimensão da cultura e como ela se relaciona com as demais dimensões, a ética e o conhecimento, privilegiadamente?

### **“Eu não sei criar”: crianças, criação e autorias**

Se a estética é a dimensão da cultura que, como já afirmamos, é possível à vida ver a vida, ou

seja, se o isolamento de conteúdos ideológicos éticos ou epistêmicos, e o conseqüente acabamento estético que os sujeitos, penetrando em linguagens historicamente desenvolvidas em seus gêneros, poderíamos supor que seja a arte o domínio privilegiado do que chamamos criação. Sem dúvida, é a arte o ponto culminante e fundamental da dimensão estética, mas esta última não se aplica unicamente ao artístico.

Podemos pensar, com Bakhtin (2002), que as dimensões da cultura, a saber a ética (e seu domínio, a vida), a estética (e seu domínio, a arte) e o conhecimento (e seu domínio, as ciências) não estão apenas estanques, lado a lado, como mundos distintos, mas, ao contrário, e como Bakhtin afirmou no início de sua vida (2011, p. XXXIV), interpenetram-se na unidade singular da responsabilidade humana. O que ele está dizendo, segundo cremos, é que quando estamos em ato em um dos domínios da cultura, os demais âmbitos não estão ausentes, mas sim submetidos à força imperativa do domínio regente. Por exemplo, se estamos em ato no interior das ciências, operamos em função dos quadros históricos de pensamento, métodos, linguagens e procedimentos que o conhecimento regulou, naquele contexto, e os conteúdos éticos e estéticos tornam-se como que submetidos a esse regime de pensamento e ação. A mesma coisa pode-se dizer de um ato no campo da poesia, por exemplo, em que um conhecimento ou um princípio ético submetem-se ao regime de um gênero, tornando-se material poético, e assim por diante.

Mas, mais que isso, podemos afirmar com Bakhtin (2021) que em qualquer campo da cultura é a estética que garante que, no centro de valor de qualquer enunciado, haja um ser humano, sua vida e seu mundo amorosamente afirmados. Bakhtin vai afirmar que, mesmo nas ciências exatas uma certa estetização é necessária, sob o preço de perder-se o sentido humano daquele conjunto de conhecimentos, e sucumbirmos ao desastre da tecnificação do mundo (p. 42-43). A estética, portanto, diz respeito ao domínio da cultura no qual os sujeitos efetuam o ato estético, qual seja, a criação da forma – composicional e arquitetônica. Está presente majoritariamente na arte, como seu domínio privilegiado e mais do mais alto grau, mas está presente em todo ato de enformação dos conteúdos éticos e epistêmicos em valores encarnados nas vidas humanas e suas visões de mundo – o herói. Isso significa que está presente nos atos de comunicação cotidianos, nas escritas científicas, mas, principalmente, na longa iniciação que as crianças, jovens e adultos efetuam, ao longo de suas vidas, em todas as linguagens que sua cultura disponibiliza a estes.

Mas não é tampouco uma questão simples ou óbvia. As crianças, em sua trajetória no interior da cultura, especialmente na participação nas instituições formativas, muitas vezes encontram obstáculos à

essa iniciação, e podemos assinalar alguns desses: falta de confiança nas capacidades enunciativas e de criação estética das crianças; falta de entendimento que a criança penetra nas linguagens e seus gêneros sempre de modo acompanhado e a seu modo, apropriando-se dialogicamente dessas linguagens; falta de compreensão de que, nesse processo, as formas iniciais de diálogo da criança com o mundo, através e nas linguagens é já e desde sempre criação estética, forma autoral de valorar o mundo e modo pelo qual forma-se enquanto sujeito ideológico enunciator no mundo.

Vamos aqui acompanhar duas crianças em seu processo de iniciação nas linguagens escritas, em suas dimensões literárias e pictóricas, na escola. A pesquisa buscou desenvolver atividades de leitura de livros ilustrados enquanto objetos estéticos, criação de autores, bem como atividades de escritura enquanto criações infantis de objetos estéticos, em diálogo com um livro ilustrado, intitulado *Dezenove* (Lima; Mello, 2021). Buscamos, nesta parte do texto, portanto, nos debruçar sobre a questão originária deste presente artigo, mas trazendo outras vozes para nosso diálogo: as vozes de Allana e de Miguel Geraldo, ambos no ano de 2022, encontro este que se deu enquanto realizávamos a atividade de registrar por escrito a história e a personagem criada em resposta à “Dezenove” (Lima; Mello, 2021), no contexto da pesquisa de Márcia Concencio (2024). Ambas as crianças estavam, na ocasião, com 6 anos de idade, e na classe de alfabetização de uma escola pública no município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A pesquisadora efetivou uma estada de quase seis meses de visitas semanais à turma de crianças e sua professora, tanto participando das atividades rotineiras quanto propondo atividades diversas, no intuito da coleta dos dados da pesquisa. Todos os encontros foram registrados em áudio e vídeo, todos os trabalhos produzidos foram registrados em fotografias, e todas as ações tiveram autorização dos responsáveis das crianças para fins de estudo e publicação. A cada semana, os dados de campo eram organizados e discutidos pelas autoras do presente artigo, que representa um pequeno recorte da pesquisa em sua íntegra (Concencio, 2024).

Nos diálogos estabelecidos, buscamos compreender tanto os movimentos que aconteceram entre adultos e crianças durante o diálogo, e os momentos da estética bakhtiniana que se mostrarem possíveis de observar nos trechos destacados. Nossa intenção neste presente artigo é a de reafirmar o que já levantamos anteriormente, acrescentando um ponto a mais: crianças são capazes de criar enunciados, e enunciados poético-literários, conforme defendeu com veemência Fernanda Lima, em sua tese de doutoramento (Lima, 2020).

Podemos iniciar dizendo que a noção de autoria é o que poderíamos tomar como ‘o coração’ da perspectiva de Bakhtin, ou seja, o ato de um autor – “o agente da unidade tensamente ativa do todo

acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta (Bakhtin, 2011, p. 10) – posicionado ideologicamente diante de um conteúdo no qual penetra, enformando (criando a forma composicional e arquitetônica), criando um herói que “nunca pode coincidir com o autor-criador, do contrário nós não receberíamos uma obra de arte” (Bakhtin, 2021, p. 68). Ademais, autoria para Bakhtin é posição ideológica singular em uma arquitetura, que é a “unificação e a organização dos valores cognitivos e éticos” (idem, 2002, p. 57).

No livro “Questões de literatura e estética”, no capítulo O problema da forma, Bakhtin traz como problema principal o questionamento: “como a forma composicional – a organização do material – realiza uma forma arquitetônica?” (Ibid.) para em seguida afirmar que “a forma se desmaterializa, e sai dos limites da obra enquanto material organizado só quando se transforma numa expressão da atividade criativa, determinada axiologicamente, de um sujeito esteticamente ativo” (Ibid.). Para Bakhtin (2002), e a importância disso vem sendo por nós discutida em muitas frentes de pesquisa (Mello, 2025), a estética bakhtiniana pode ser compreendida na relação dialógica entre um autor – humano princípio da forma – e um herói – humano criado, conteúdo ideológico valorado – através de um material historicamente orientado em sua formação artística. A forma, relação indissociável entre autor-criador e autor-contemplador com um herói (valor humano criado), possui dois momentos indissociáveis: a forma composicional – relação com o material – e a forma arquitetônica – relação de criação do objeto estético enquanto valor humano enformado. Para Bakhtin (e para Cohen (1912), antes dele), uma relação de amor estético entre um criador e o mundo. A este ato de criação da forma, que ganha materialidade no objeto estético, Bakhtin chama também “autoria”, uma vez que é o autor o criador.

Podemos dizer que crianças são autoras? Crianças criam? Tendo como ponto de partida que a lida com a linguagem escrita e pictórica é uma questão de autoria – e para nós, autoria na perspectiva estética de Bakhtin – neste diálogo com duas crianças, Allana e Miguel Geraldo, buscaremos compreender sua autoria como criação. Precisamos ainda dizer que criação é atributo do autor, mas para Bakhtin, não se trata da “geração do novo” com respaldo na imaginação; não se trata de inovação; nem se trata de invenção como o ato de tirar do vazio o novo, muito menos das noções senso comum ou psicológicas de criatividade. Aqui temos o problema da criatividade, conceito que assola o imaginário da formação e educação das crianças. Para Bakhtin (2002), criação é invenção, mas, como “a expressão positiva do isolamento: o objeto isolado é por si mesmo inventado, ou seja, não é real na unidade da natureza, nem passado no evento da existência. (...) Só se pode inventar algo de subjetivamente válido e significativo num acontecimento, algo importante do ponto de vista humano, mas não uma coisa: uma



coisa inventada é um *contradictio in adjecto*” (p. 80). Criação, como Bakhtin nomeia a tarefa do autor-criador, que dá acabamento a um conteúdo ético, subtraindo-o “do acontecimento único e aberto da existência (Ibid.)”, da série infinita criando visão, é compreendido como *afiguração*, ou seja, criação da *forma* (nos mais diversos materiais) composicional e arquitetônica. Criatividade é um termo crivado de valores neoliberais, como inovação, invenção do não existente, e até mesmo talento inato ou possível de ser adquirido. Como já vimos, a criação é a condição *sine qua non* da própria humanidade. O que precisamos falar é sobre a inserção das crianças no “tesouro da língua”, ou seja, no acervo literário-poético que há alguns séculos se encontra guardado, oculto da maior parte da humanidade, não sobre “aprender a criar”.

Qual seria, segundo pensamos, o desafio da *autoria como criação*? Qual seria o desafio de, por exemplo, uma criança escrever? Qual seria o desafio da criança, por exemplo, compor uma história? Bakhtin diz que “só a determinação de uma interação e de um mútuo condicionamento de dada série com outras cria a abordagem histórica” (idem, p. 26-27), ou seja, a criação de uma história ou qualquer outro objeto estético demanda a unidade do ético, do cognitivo, da forma artística, arquitetônica, mas principalmente da participação das crianças no acervo da cultura.

Bakhtin diz ainda: “É preciso deixar de ser apenas si próprio para entrar na história” (Ibid.), sair da pequena e parcial visão de mundo, buscar visões outras – em uma tomada de posição que é exotópica, na tangente – que estão presentes na série ética, na série cognitiva da história da cultura. Essas duas séries precisam ser acessadas – e esse acesso é o que consideramos o processo de formação educacional – e ganham unidade com o isolamento estético – que “é a condição negativa do caráter pessoal, subjetivo da forma; ele permite que o autor criador se torne um elemento constitutivo da forma” (idem, p. 64). O que estamos afirmando é que a estética, ou seja, a possibilidade de criar forma – composicional e arquitetonicamente – confere unidade de sentido às séries éticas e epistêmicas, ou seja, é exigível que o ato criador acompanhe toda inserção das crianças na história da cultura, sob pena de não encontrar, em sua singularidade, unidade de sentido. A criação, ou seja, a autoria enquanto capacidade de colocar sua própria visão ideológica na compreensão da vida e do conhecimento é condição exigível de todo processo formativo. Aqui não estamos apenas perguntando se crianças fazem ou não arte, ou se crianças criam ou se crianças enunciam: estamos afirmando que somente no campo da estética a formação humana ganha unidade de sentido.

**Figura 1**

Enunciado de Allana: “Dezenove era uma menina que não gostava desse nome. Aí, ela decidiu falar com o professor e com os amigos que o nome dela não era Dezenove. Era Aline”.



Fonte: Acervo da pesquisa Grupo ATOS UFF.

Vamos tentar compreender essas proposições por nós até aqui encaminhadas nos enunciados dos trechos selecionados no diálogo com Allana durante uma atividade de escrita de uma história, na qual ela apresenta e argumenta sobre a heroína criada por ela. É possível observar desde o início o posicionamento da pesquisadora que, sob a *perspectiva bakhtiniana* sob o momento regente<sup>4</sup>,

<sup>4</sup> Bakhtin chama de “momento regente” aquele da atenção à criação do objeto estético em si, ressaltando a relação ideologicamente firmada entre o autor-criador e o herói, como participantes de um ato de criação.

conversava com Allana sobre as singularidades das arquitetônicas do livro de Fernanda e Marisol, da história que outra criança, Nicolly, havia escrito, e sobre a criação da história de Allana. Vamos procurando mostrar o *ato estético* das autoras de “Dezenove”, em relação com a criação da criança, neste enunciado: “Você desenhou, mas a Marisol (ilustradora do livro), ela recortou em uma revista personagens pra fazer a Dezenove dela. Tá vendo? Aqui ela tá assim... Aqui assim. (vou mostrando as ilustrações no livro)” (dados da pesquisa, Concencio, 2024).

Allana contempla “Dezenove”, “se deixa fascinar pela imagem, mas também pelas suas imediações” (Bakhtin, 2002, p. 294: “E pra que que tem um monte de caracol?” (parece tomar consciência da atividade criadora da ilustradora na forma pictórica), e assume a posição de cocriadora: “Mas só precisava de um...”. Bakhtin, em sua argumentação sobre a relação entre o autor-criador e o herói, na criação do objeto estético, insere outro sujeito, a quem o discurso criado se dirige: o autor-contemplador. Notável é o fato de Bakhtin inserir um prefixo “autor” para qualificar o contemplador, já que seu argumento é de que a cultura, ao entrar em relação com o objeto estético, o recria à sua forma, inserindo nele sua visão de mundo, sua posição afetivo-ideológica, portanto criação. Ler o livro, na posição de Allana, segundo Bakhtin, é já criar, e ela não se constrange em o fazer.

Durante a conversa com a criança, a pesquisadora se empenha em mostrar para Allana que uma história se cria, que ela *criou* ao desenhar, mas a criança responde: “como é que eu vou criar, se eu não sei criar? Eu só criei, mas eu só sei desenhar. Não sei criar”. O que escutamos, ao ler a transcrição desse e de tantos outros diálogos da pesquisa, é que Allana não se compreende como criadora, pois está associando criar com escrever, e o problema é que escrever é algo que ela afirma ainda não saber – embora tenha escrito.

Podemos perceber a problemática que Allana aponta, já que lidava com várias linguagens, entre as quais a escrita, mas “cada uma delas estava indiscutivelmente no seu lugar, e o lugar de cada uma não podia ser discutido” (Bakhtin, 2002, p. 102). Uma problemática que se traduz em um dado de pesquisa, e que suscita a questão: como fazer o *mútuo esclarecimento entre as línguas*, base do plurilinguismo? Em outro artigo (Lopes; Mello; Gonzalez, 2025) discutimos a centralidade da questão do plurilinguismo na compreensão das formas infantis de enunciação como formas válidas, no interior das culturas. Aqui, no diálogo com Allana, a questão aparece, revelando a forma como possivelmente as linguagens são trabalhadas nos processos educativos: uma ao lado da outra, sem que se possam interpenetrar-se em diálogos dialogicamente pluridiscursivos – base da unidade semântica das culturas.

Vamos acompanhar o diálogo, através da sua transcrição:

[Márcia] (...) Você já falou que é Dezenove, né? (...) Eu queria que você me dissesse qual é a história da sua Dezenove pra gente escrever aqui. A sua história.

[Allana] A minha não tem história não.

[Márcia] Hã? A Sua não tem história? Deixa eu tentar explicar o que que a gente tá fazendo. Aqui a Nicolly fez a história da Dezenove dela, que não é igual a essa (mostro o livro da Fernanda e da Marisol), e que também não é igual a sua, igual a minha. (...) Essa é a história da Nicolly. As outras crianças também fizeram aqui na semana passada. Aí agora, eu abri uma folha pra você fazer a história da sua Dezenove. Não precisa ser alguma coisa grande... Você pode escrever só uma frase se você quiser para falar sobre a sua Dezenove, pra falar sobre a sua personagem. Olha tem a sua Dezenove, aqui onde ela estava segurando a lanterninha, a luz... (Mostro a personagem de Allana no desenho do primeiro encontro).

[Allana] Eu não tenho história...

[Márcia] Você não quer criar? Olha pra sua Dezenove, o que ela está fazendo, quem ela é... Olha só: a Fernanda que é essa moça aqui, ó, e mais essa que ilustra o livro, elas criaram a personagem Dezenove... E como foi que ela fez Dezenove ter uma forma? Você desenhou, mas a Marisol, ela recortou em uma revista personagens pra fazer a Dezenove dela. Tá vendo? Aqui ela tá assim... Aqui assim (vou mostrando as ilustrações no livro) pra contar a história dela.

[Allana] E pra que que tem um monte de caracol?

[Márcia] Pra quê? Pra ajudar ela a dizer quem era Dezenove... [Allana] Mas só precisava de um...

[Márcia] Mas ela quis fazer com vários bichinhos...

[Allana] Borboletas... Passarinhos...

[Márcia] Ahannn...

[Allana] Mas como é que eu vou criar, se eu não sei criar?

[Márcia] Não sabe? Olha só! (aponto os desenhos dela).

[Allana] Eu só criei, mas eu só sei desenhar. Não sei criar.

[Márcia] Sabe sim! Desenhar é criar. Quando você desenha, você está criando. Você está criando uma coisa que ninguém nunca fez antes. Tá vendo esse desenho que você fez? Só você sabe fazer. Se eu tentar fazer igual, vai ser uma outra Dezenove... Eu só queria que você falasse sobre sua Dezenove... Mostrar pra mim quem é Dezenove... (Trecho da transcrição da pesquisa – 24 de novembro de 2022)

A partir daí Allana começou a escrever oralmente: “Dezenove era uma menina que não gostava desse nome”, e a pesquisadora passa a traduzir sua fala para a escrita. Ao longo de todo o diálogo com Allana é possível perceber a problemática dominante que envolve criação, mas também escrita, invenção, desenho, oralidade e até mesmo o cansaço de Allana, que mal conseguiu concluir a atividade.

[Márcia] A Fernanda fala aqui, ó (mostro no livro e leio): "Dezenove era uma menina esperta e magrelinha... De cabelos castanhos escuros, finos e escorridos com uma covinha em cada bochecha". E aí eu queria que você falasse da sua Dezenove também. Fala pra mim quem era Dezenove. A sua

Dezenove, que é única, maravilhosa. Vamos começar escrevendo Dezenove. Você já sabe escrever Dezenove, né? Não? Aqui você escreveu Dezenove...

[Allana] Em cima, ou embaixo?

[Márcia] Pode ser logo aqui embaixo do seu nome. E agora me diz quem era Dezenove. Nosso tempo vai acabar, vocês vão descer pro parquinho e você precisava escrever alguma coisa...

[...]

[Allana] Começa com DA.

[Márcia] Começa com DA, o quê? Pra eu poder te ajudar a escrever você tem que me dizer o quê... Quem era Dezenove?  
[Allana] Dezenove era uma menina que não gostava desse nome...  
[Márcia] Ah. Então vamos escrever.  
[Allana] Era o apelido...  
(Trecho da transcrição da pesquisa – 24 de novembro de 2022)

Allana nos revela um aprendizado contra o qual precisamos nos posicionar: não existe essa coisa de “não saber criar”. Uma criança que, aos seis anos de idade, afirma que não sabe criar desconsidera – por pura falta de ênfase – que cria quando narra, quando desenha, quando pergunta, quando pensa. Mas lindamente também revela que escrever é criar, e isso ela ainda está aprendendo. Em uma perspectiva em que o plurilinguismo possa tornar-se intenção educativa de pluridiscursividade dialogizada, ou seja, em que linguagens sejam compreendidas à luz umas das outras, o problema de enunciar em linguagens em que ainda não se tem pleno domínio da forma composicional pode ser amplamente reduzido, sendo complementado com as linguagens cuja forma composicional já se tem maior lida, até porque o momento regente, o centro do processo de criação estética é a forma arquitetônica, o processo de enformar de modo valorado um herói e seu mundo. Essa já estava garantida desde a primeira enunciação de Allana, em linguagem do desenho.

A seguir vamos acompanhar o enunciado de Miguel Geraldo, e como ele recria, em linguagem oral, o objeto estético criado no encontro anterior na forma de uma colagem de desenhos, vivenciando o mesmo processo de Allana, mas de modo mais favorável.

**Figura 2**  
Enunciado de Miguel Geraldo.



Fonte: Acervo da pesquisa Grupo ATOS UFF.

No processo de Miguel Geraldo, o sentido criado foi realizado de modo ativo, juntando e colando os elementos aos quais estava tendo acesso, a partir de um desenho que ele escolheu e recortou elementos – um e um (11); o coração; o Brasil (as cores verde e amarelo); o círculo (a bola) etc. – apresentando essa colagem enquanto narrava uma história. Podemos considerar que a colagem foi o processo de criação inicial de Miguel Geraldo, em que há, em seu centro, um herói, ao qual a criança se refere todo o tempo como um outro (literalmente um herói, que salva ‘todo mundo’ no final). Consideramos esse conjunto de desenhos, colagens e narrativas como um complexo objeto estético, não meramente como meio de expressão, mas como uma organização formal da realidade em um mundo outro, que é o mundo da criação literária. Essa criação teve seu ponto alto na narração oral, que parece ser a linguagem que Miguel mais domina. Ao final, com o seu pedido: “Posso levar pra casa pra contar pra minha mãe?” vemos se confirmar a “expressão da sua relação ativa e axiológica” (Bakhtin, 2002, p. 58), o reconhecimento de sua atividade criadora nessa obra.

[Márcia] Quem é esse personagem que você fez, Miguel? [Miguel] Não sei.

[Márcia] Qual é o nome dele? Qual é o nome que você deu para ele? [Miguel] É... É... Terra. Porque ele quer terra. Ele não gosta de um e um. Ele não gosta. Porque ele não gosta de um, porque ele é Brasil. Então porque das vezes, ele tem um coração com ele. Dessa vez, ele não é Brasil. Ele é Flamengo, porque tem outros países que tem o Brasil. Então, ele estava num círculo, porque alguma coisa é errada.

[Professora Angela] Onde tem esse círculo?

[Miguel] Aqui. E aqui ó. (...)

Então, dessa vez ele estava pulando igual macaco. Então... e... ele não gosta de um, porque, ele... a professora, jogou um colchão na cara dele. Porque agora... Ele foi uma bola... O tubarão... Ele... Pegou as crianças. E... Ele também. Então, agora... Ele está preso. Que triste! Mas eu vou te ajudar. Mas claro que eu vou te ajudar. Porque a gente não é o caminho, não. A gente é o mundo que ajudam. O papai e a vovó, o vovô. Quem quiser.

Ele agora não está fugindo mais, não. Só está em casa jogando... O videogame dele. O tubarão vem... Toda a água dele. Aí... O cachorro dele... O tubarão estava com medo dele. A casa também... A mãe dele, o pai dele... A avó dele... Então, não estava acontecendo nada. Então... Ele foi mordido para... Para uma bolha. Então, ele estava preso. Então, porque... Foi mordido na água. Então... Ele salvou um dia. Então... Ele salvou um dia. Porque ele estava melhor. E (N?) que isso foi melhor. Então... Ele foi... Todo mundo pegou ele. Mas não foi todo mundo. Foi todo mundo. O pai, a mãe... Todo mundo que morreu. Agora, o menino foi na bolha e resgatou os pais e a mãe. E a vó e o vovô. Então, ele foi... Graças a Deus... O tubarão foi embora. Agora, ele está normal e consertou a (?) do animal. Então, agora e fim. Esse aqui... Obrigado, por... Miguel.

[Márcia] Muito bem, Miguel.

[Miguel] Posso levar pra casa pra contar pra minha mãe?

(Palmas). (Trecho da transcrição da pesquisa – 4 de novembro de 2022)

Como dissemos, Miguel pôde dialogizar pluridiscursivamente seus enunciados nas diferentes linguagens – desenho, colagem, narrativa, escrita. De algumas ele tem maior domínio, e complementa as demais, no intuito central de toda criação estética humana, como nos disse Bakhtin: a criação do objeto

estético, que é a unidade entre um autor-criador, princípio da forma, valorando um conteúdo ideológico encarnado em um humano e seu mundo, o herói, unidade que permanecerá viva a cada momento em que for contemplada, criando visão, dando acabamento a um conteúdo da vida que pode ser pensado, refletido, rebatido, combatido, reforçado. Mais que tudo, o ato de criação estética representa o momento em que uma criança penetra na linguagem e, assim fazendo, sai de si e entra para a história, como disse Bakhtin (2002), o momento em que, através do enunciado criado, o valor singular que uma criança confere ao mundo une-se às tantas vozes que anterior e coletivamente criaram as linguagens, seus gêneros e suas visões. O ato da criação estética, em qualquer momento da vida das crianças, as insere no movimento que inevitavelmente renova a cultura e suas formas. Deve ser, portanto, preocupação filosófica fundamental, como vem sendo para nós nos últimos dez anos de existência enquanto grupo de pesquisa.

### **Considerações finais**

Se pensarmos em termos do senso comum de que crianças criam, podemos dizer que nem Allana, nem Miguel Geraldo ‘criaram’, meramente. Com Sebeok (1985), Ponzio (2020) e Bakhtin (2011) aprendemos que criação é a capacidade humana por excelência, o que distinguiu nosso percurso histórico das demais espécies, pela possibilidade da linguagem, que é capacidade exaptativa, ou seja, mais do que adequarmo-nos ao mundo, transformamos o mundo para outras realidades possíveis, outros mundos que ainda não existem. A capacidade de fantasiar, ou de modelar o mundo (Sebeok, 1985). A dimensão da cultura que é capaz de levar a cabo o projeto de produzir visão sobre o fluxo ininterrupto da vida é a estética, e compreender a relação entre essa dimensão e os processos singulares de criação é um imperativo para quem se ocupa e preocupa com a formação humana, principalmente da educação de crianças. As pesquisas com as crianças podem se enriquecer ao compreender suas possibilidades enunciativas não como ausências ou estágios em direção a uma linguagem acabada, mas formas mesmo de acabamento estético, possíveis na medida em que as crianças participam das linguagens na cultura. Mais que apenas participar das linguagens, é preciso um trabalho de interpenetração das linguagens, em que as crianças possam compreender cada linguagem à luz das outras, as afigurando em enunciados complexos, como vimos o caso de Miguel Geraldo. Nada em sua composição é falha ou apresenta problemas: é a forma mesma de um ser humano movendo-se entre as linguagens, criando enunciados que, se escutados, ganham sentido. Quantos sentidos anteriores Miguel

Geraldo articulou, em suas vivências? Sentidos de perigo, de morte, de salvação, de família, quem poderá dizer? Escutar e contemplar o enunciado complexo dessa criança autora é posicionar-se diante dele como um outro ser humano na nossa cultura, e apresentar-se para o diálogo que ele nos convoca.

Compreendemos que o ato estético criador é um ato político, é um ato ideológico. Allana e Miguel Geraldo fizeram esse importante movimento, pois, quando criaram, movimentaram a história, se colocaram de modo propositivo e ideológico ao afigurarem o mundo como ele pode ser do ponto de vista em que somente cada um pode ver. Os elementos de autoria, logo de criação, estão na base do processo da criação de Allana e Miguel Geraldo, do mesmo modo que estão presentes na escritura deste artigo, do mesmo modo que estão presentes sempre que um humano olha para o mundo, compreende sua base material e o organiza em um enunciado – nunca completamente novo, mas que certamente renova todos os enunciados que o precederam.

A *criação como autoria* para Bakhtin é o ato do autor-criador, que é o princípio organizador da forma, e que está (e permanece) na obra como forma: composicional, no seu procedimento com o material, e arquitetônica, na sua intencionalidade política através dos elementos materiais e composicionais, criando um valor encarnado na imagem de humano e seu mundo que afigura o herói. A essa posição, de autor-criador e autor-contemplador, não se chega nem expressivamente, nem formalmente, mas dialogicamente, interpenetrando o mundo do qual se participa de modo interveniente, permitindo que cada ser humano o recrie segundo suas próprias bases, a partir do lugar valorativo único que ocupa no mundo.

Compreendemos, finalmente, que esse não é um processo a ser vivido por experts e pessoas adultas formadas (existe isso?), apenas, mas que a cada signo humano, desde o início (desenhos, narrativas orais e escritas etc.) manifesta-se a capacidade específica de nossa espécie que é a de criar, nas e pelas linguagens, juntas e interpenetradas, outras realidades possíveis, jamais imaginadas, outras. O que defendemos é que a educação das crianças inclui um forte componente de criação das condições para a formação de um autor-criador, de um autor-contemplador, para uma estética da alteridade, para um mundo em que todos e cada um possa ocupar seu lugar único e indelegável.

Nossos estudos estão longe de terem chegado em algum ponto passível de finalização. O que entendemos é que a dupla tarefa da crítica – denunciar as estruturas esclerosantes da cultura e criar condições para a expressão das novas formas incipientes que se insinuam a cada momento da história – envolve uma discussão sobre as crianças, sobre a criação estética como condição de tomada em consideração de seus enunciados, e das autorias infantis como modo de recuperar ao mundo a sua



diversidade, incluindo as crianças no grande diálogo sobre e no mundo, em suas próprias formas de criar e afigurar a realidade.

E tudo começa com uma proposição: criança enuncia, criança faz sentido, criança cria esteticamente desde sempre. Nós é que precisamos desenvolver e pesquisar formas de compreendê-las.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Apontamentos dos Anos Quarenta**: O homem ao espelho. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Lendo Razlúka de Púchkin**: a voz do outro na poesia lírica. Trad. Marisol Barenco e Mario Ramos Francisco Junior. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Hucitec, 2002.

COHEN, Hermann. **Ästhetik des reinen Gefühls. Erster Band**: Die Grundlegung der systematischen Ästhetik. Herausgegeben im Januar 2020 von Ronald Bär. Reproduktion auf Grundlage der Ausgabe Verlag Bruno Cassirer, Berlin, 1912.

COHEN, Hermann. **Ästhetik des reinen Gefühls. Zweiter Band**: Die Bestätigung der systematischen Ästhetik in den Arten der Künste und an ihrer Geschichte. Herausgegeben im Januar 2020 von Ronald Bär. Reproduktion auf Grundlage der Ausgabe Verlag Bruno Cassirer, Berlin, 1912.

CONCENCIO, Márcia Menezes. **“E pra que tem um monte de caracol? Mas só precisava de um”**: a alfabetização como ato estético. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2024.

CONCENCIO, Márcia Menezes. **Alfabetização e autorias**: escrituras com crianças na Escola Municipal Sebastiana Gonçalves Pinho. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2019.

DELL’ATTI, Emannuele. **L’ambiente semiotico**. Condizioni, dintorni, ricognizioni, Pensa MultiMedia, Lecce, 2013.

GAMBA, Ezio. **La Legalità del Sentimento Puro**: l’estetica di Hermann Cohen come modello di una filosofia della cultura. Milano: Mimesis Edizioni, 2008.

GOULD, S. J. & Vrba E. S. Exaptation: a missing term in the science of form. In: **Paleobiology**, 8, 1982, pp. 4-15.

LIMA, Marcia Fernanda C. **“Vem ver, Renatinha, uma froza!”**: A criança, o poeta e a poesia numa tese-ninho. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

LIMA, Marcia Fernanda; MELLO, Marisol Barenco. **Dezenove**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.  
LOPES, Ana Lúcia.; MELLO, Marisol Barenco. “Quem é o ingênuo, afinal?” In: **Educação em Foco** (Juiz de Fora), v.24, p.897 - 925, 2019.

LOPES, Ana Lucia. **Um novato lá na sala, tia, tem que pegar ele também, escreve tudo agarrado!** A escuta das enunciações sobre o aprender nas conversas das crianças. Tese de doutorado. Orientadora Marisol Barenco. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol; GONZALEZ, Rafael A. G. **A Linguagem das crianças como chamado para novas circunstâncias**, 2025 (no prelo).

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco; LIMA, Marcia Fernanda. “Por que rimos das crianças?” In: **Linhas Críticas** (online), v.27, p.1 - 18, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco. “Autorias infantis: processos intermodais de criação”. In: **Infâncias e Educação Infantil em Foco**. Curitiba: Editora CRV, 2017b, v.1, p. 31-44.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco. “Cartografia com Crianças: lógicas e autorias infantis”. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v.7, p.67 - 78, 2017c.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco. “Quando perdemos a confiança na linguagem?” In: **Revista Brasileira de Alfabetização**, v.1, p.15 - 30, 2017a.

MELLO, Marisol Barenco; CONCENCIO, Márcia. “Escutar as crianças: por um mundo onde mais humanos enunciem em muitas linguagens”. In: **Infâncias**: contextos de ação, interação e participação. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020, v.1, p. 133-166.

MELLO, Marisol Barenco; SILVA, Maria Letícia. “Um pedaço da vida chamado escrita infantil”. In: **Palavras e Contrapalavras**: cortejando a vida na estética do cotidiano - Caderno de estudos VII. São Carlos - SP: Pedro e João Editores, 2015, v.1, p. 163-170.

MELLO, Marisol Barenco. **Elementos da estética bakhtiniana**: Cronotopo, Arte e Formação Humana. Pesquisa de pós-doutoramento com início em 2025, em andamento.

PONZIO, Augusto. **Livre Mente**: processos cognitivos e educação para a linguagem. Trad. Marisol Barenco e Marcus Vinicius Oliveira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SEBEOK, Thomas. **The Signs & Its Masters**. University of Texas Press, Austin, 1979; trad. it., *Il segno e i suoi maestri*, Adriatica, Bari, 1985.

SILVA, Maria Leticia. **Um risco na noite**: uma semiótica do autorretrato artístico de criança na escola.

*Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 27, Dossiê: Pesquisa com bebês e crianças/Artigos, e-4827, 2025*

*Marisol Barenco de Mello; Márcia de Sousa Menezes Concencio*

Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2019.

SPET, Gustav G. **La forma interna della parola**: studi e variazioni su temi humboldtiani (1927). A cura di Michela Vendetti. Milano: Mimesis Edizioni, 2015.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Miza Carvalho dos Santos.

*Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 27, Dossiê: Pesquisa com bebês e crianças/Artigos, e-4827, 2025*